



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

As amizades francesas de Adolfo Casais Monteiro

Pierre Rivas

Para citar este documento / To cite this document:

Pierre Rivas, "As amizades francesas de Adolfo Casais Monteiro", *Colóquio/Letras*, n.º 177, Maio 2011, p. 82-94.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

As amizades francesas de Adolfo Casais Monteiro

PIERRE RIVAS

É PIERRE HOURCADE quem está na origem das amizades francesas entre Adolfo Casais Monteiro, Jules Supervielle, Henri Michaux e tantos escritores de quem se tornou «passador».

Não esqueçamos que Pierre Hourcade é ainda estudante na École Normale Supérieure quando inicia relações com Jules Supervielle, que o recebe da melhor forma possível e sobre o qual apresentará inúmeras conferências em Portugal e na América Latina. Leitor em Coimbra, Hourcade descobre, graças a Carlos Queiroz, Fernando Pessoa, escritor ainda não editado e que dará a conhecer pela primeira vez em França, inicialmente na revista *Contacts* e depois nos *Cahiers du Sud*, onde publica a primeira tradução francesa de uma selecção de poemas de Pessoa. Vai tecer-se toda uma rede de amizades franco-luso-brasileiras entre Supervielle, Michaux, Jean Ballard, os *Cahiers du Sud*, o poeta brasileiro Ribeiro Couto, então cônsul em Marselha, Adolfo Casais Monteiro entre os portugueses, e ainda Armand Guibert, tradutor de Pessoa em França¹.

A 3 de Novembro de 1931, de Coimbra, Hourcade escreve a Ribeiro Couto, que reencontra graças a Ballard, sobre o seu primeiro encontro com Pessoa: «Um olhar e um par de mandíbulas simultaneamente ávidas e tenazes. Por detrás dos óculos, os olhos brilham com um toque de ironia. Grande novidade: será editado no próximo ano.» A sua poesia era ainda, senão inédita, pelo menos ineditada. Hourcade pensa mostrar as suas traduções de Pessoa a Paulhan. Faz todos os esforços para atrair a atenção dos poetas e editores franceses sobre o poeta português. Mostra as traduções a Supervielle, que fala delas a Paulhan, o qual declara que «não se trata de um poeta, segundo o [seu] coração». Supervielle também não parece muito sensível a esta poesia². Tenta sensibilizar Valéry Larbaud através de Ribeiro Couto, mas este prefere falar-lhe de António Nobre. Pierre Hourcade exprimirá, mais de uma vez, o seu desgosto e indignação por ninguém ter falado de Fernando Pessoa a Valéry Larbaud aquando da sua estada em Lisboa em 1926³.

É, então, nos *Cahiers du Sud* que surgem as primeiras traduções de Pessoa. Hourcade escreverá para esta revista diversas crónicas sobre a vida literária em Portugal e, mais tarde, no Brasil, onde leccionará de 1935 a 1937. É lá que publica um excerto da sua tradução, com Michel Berveiller, de *Jubiabá* (*Bahia de tous les Saints*) a primeira tradução de Jorge Amado, que será publicada nas edições da Nouvelle Revue Française, «traduzida do brasileiro», o que lhe valerá a ira dos círculos oficiais salazaristas e, do outro lado, dos intelectuais portugueses.

A grande revista portuguesa dos anos 30 é a *Presença*, editada em Coimbra e que poderia ser considerada o equivalente português da *Nouvelle Revue Française*. Os jovens portugueses admiram os mestres Gide e Proust, os poetas e, em particular, Jules Supervielle, admirado por Pierre Hourcade e que este dará a conhecer a Adolfo Casais Monteiro — o primeiro a escrever um estudo seguido de uma antologia sobre a poesia de Supervielle, bem antes dos franceses e estrangeiros. Destinatário da célebre «Carta sobre a génese dos heterónimos», Casais Monteiro é um dos melhores conhecedores de Pessoa, a quem consagrará subtis análises. Eis como Hourcade o descreve a Ribeiro Couto: «Um grande companheiro, alegre, transbordante de vida e de juventude, feio e folgazão, com uma veia coloquial incomparável, dono, aparentemente, de uma surpreendente biblioteca, e palpitante de um sentido da vida que acaba por lhe dar uma espécie de grandiosidade. Um belo exemplo de humanidade.»

Casais Monteiro é um democrata convicto, aberto à modernidade poética e revoltado contra a ordem salazarista que o prenderá, e à sua mulher, em 1937, impedindo-o de leccionar. Jules Supervielle organiza um abaixo-assinado pela sua libertação, subscrito por Maritain, Paulhan, Michaux, Artaud, Pillement: «Adoraria ter mais nomes, mas tinha de ser rápido», escreve-lhe a 10 de Junho de 1937. Ribeiro Couto escreve a Pierre Hourcade, do Brasil, São Paulo: «Acabo de escrever ao Cardeal de Lisboa para que Sua Eminência obrigue a polícia a não cometer uma injustiça mais grave. Ele não é, de todo, comunista. A sua mulher fez uma recolha de fundos para os prisioneiros políticos. Foi considerada uma atitude muito grave.» Na prisão, Adolfo Casais Monteiro faz aos companheiros uma exposição sobre a poesia de Supervielle. Pierre Hourcade reencontrará Casais Monteiro e os seus amigos da *Presença* aquando do seu regresso a Portugal em 1938. «Pesarosos», em 1940, pela derrota da França pela Alemanha, verão os seus laços de amizade reatados por esta experiência. A imagem de Adolfo Casais Monteiro atravessa a correspondência entre Ribeiro Couto e Pierre Hourcade. «Não recebo cartas de Casais há séculos. Tenho vontade de voar para o Porto para lá passar uma semana e chorar nos seus braços a morte das minhas ilusões políticas. Dá-lhe um abraço por mim», escreve, em 1938, a Hourcade, que acaba de ser chamado para o Porto. «Vou encontrar o nosso ACM livre mas suspeito, e voltaremos, em coro, a 'ribeiro

coutisar' com ainda mais força». Casais Monteiro foi um dos poetas desta geração mais atento à poesia brasileira, em particular à de Ribeiro Couto, tendo-lhe consagrado estudos pioneiros. Hourcade tentará vir em auxílio de Casais numa situação difícil: «encontrei-o em Lisboa, onde acabo de passar uns dias; defende-se pensosamente. Os outros estão bem, mas aguentam-se com dificuldade, bastante desmotivados. O momento e o meio não lhes são nada propícios. Um conformismo ligeiramente xenófobo tende a tornar-se a marca distintiva do pensamento oficial» (carta a Ribeiro Couto, 4 de Julho de 1939). Os outros da *Presença* também foram perseguidos: Alberto de Serpa e José Régio. De serviço em Lisboa durante a guerra, Pierre Hourcade tentou ajudar Casais Monteiro arranjando-lhe aulas de francês, traduções, artigos, colaboração em publicações como o semanário *Globo* para defender os Aliados contra a propaganda do Eixo. Casais acabaria por se exilar no Brasil, onde foi um universitário adorado pelos seus alunos e excepcionalmente aberto ao seu novo país.

Estas amizades pessoais tecem, inseparavelmente, laços literários. Hourcade é um intercessor privilegiado no coração destas relações. Colaborador dos *Cahiers du Sud*, sensibilizou Jean Ballard para a literatura portuguesa. Escreveu, igualmente, recensões sobre Conrad e Morgan. Renuncia à publicação das «Lettres sur le Portugal» porque, «se dissesse o que penso, só me restaria fazer as malas» face à «lamentável comédia fascista». Envia vários textos a Ballard de ou sobre literatura portuguesa, entre os quais um de Casais Monteiro sobre «o Moderno e o Eterno na poesia portuguesa contemporânea»⁴. O pequeno ensaio de Hourcade sobre Supervielle — que Paulhan se recusou a publicar — será tema de muitas das suas conferências e está, sem dúvida, na origem do livro de Casais, traduzindo bem as escolhas e preferências do autor no que diz respeito à poesia «Anti-Bousquet, anti-Renéville, anti-Bounoure NRF, anticrítica dita moderna». Aluno de Alain, admirador de Supervielle, Pierre Hourcade é pouco favorável ao surrealismo e ao hermetismo. Esta seria também a posição de Casais: nem o intelectualismo de Valéry, nem a fuga do pensamento de Breton, próxima de Fargue e de Supervielle, modernos «sem gritos nem manifestos», escreve no seu livro pioneiro sobre *A Poesia de Ribeiro Couto* (Presença, 1935). Nesse mesmo ano, publica, na revista *Presença* (vol. II, n.º 45, Jun. 1935) a «Introdução a Um Ensaio sobre a Poesia de Jules Supervielle», um estudo precedido de um poema inédito, «Le Silence», pré-original que seria publicado, corrigido, em *La Fable du monde* em 1938⁵. Casais havia dedicado o seu poema «Intimidade», publicado no n.º 33 da *Presença* (Jul.-Ago. 1931), «à Jules Supervielle: avec la plus grande admiration; avec la plus grande et la plus reconnaissante amitié». Em 1938, o seu livro *Descobertas no Mundo Interior. A Poesia de Jules Supervielle*, edições Presença, é o primeiro estudo sobre o poeta francês⁶. O livro é dedicado «Ao Pierre Hourcade, recordando dois anos de inesquecível camaradagem» (a con-

vite da revista, Pierre Hourcade tinha feito, em 1932, uma conferência sobre Supervielle, publicada em Coimbra).

Casais voltaria, várias vezes, a referir Supervielle. N' *A Palavra Essencial* (São Paulo, 1965) consagra várias páginas a este autor, criando controvérsia — pois tinha veia polémica — com Tatiana W. Greene e Étiemble. Para vincar os seus pontos de vista, volta a escrever sobre Supervielle e Valéry, sobre a questão da «poesia pura» (o estudo tinha sido publicado inicialmente na revista franco-portuguesa *Afinidades*, n.º 6, por incentivo de Lionel de Roulet, cunhado de Simone de Beauvoir e antigo aluno de Sartre, que prefacia a tradução de Casais Monteiro de *Statues volantes*). Ao artigo na *Afinidades* segue-se a tradução de Casais de «*Prière à l'inconnu*», publicada em *La Fable du monde*⁷. Aqui, é o poeta dos *Poèmes de la France malheureuse (1939-1945)* o porta-voz do Casais poeta de *Europa*, poema lido na BBC em Maio de 1945⁸: a mesma voz da Resistência contra as ditaduras, o mesmo apelo à liberdade. Casais traduziria ainda «*Guerre et Paix sur la terre*» (publicado em *Oublieuse Mémoire*) para o jornal *O Estado de São Paulo* (2 Jul. 1960). Estes poemas de Supervielle, escritos em momentos trágicos (ocupação, guerra da Argélia⁹), testemunham tempos sombrios. Encontra-se no número 60/63 da revista *Nova Renascença* (Porto, vol. XVI, Out.-Inv. 1996 — *Tradução Poética e Plurilinguismo*) o meu artigo sobre «Casais Monteiro et Carlos Drummond de Andrade traducteurs de Jules Supervielle», com traduções dos dois poetas, lado a lado com o texto francês. Não devemos esquecer que Manuel Bandeira traduziu um poema inédito de Supervielle, «*L'Appel*», que consta das *Obras Completas* do autor brasileiro e que a edição da Pléiade não teve autorização para reproduzir. O poema tinha sido publicado na *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n.º 67, 1946.

Para Casais, Supervielle é autor de uma poesia testemunho, sem instrumentalização política mas ao serviço de uma «humanidade», ao contrário de Paul Valéry e dos surrealistas. Supervielle, que tenta defender Valéry, argumenta, a propósito dessa «humanidade»: «Michaux, je le comprends toujours, tandis que je perds pied avec les surréalistes... Michaux est d'une humanité étrange — mais il est humain, ses étrangetés partent de l'humain. Il a des racines humaines...»¹⁰ «Auprès de Sénéchal, j'ai défendu Claudel, auprès de vous, Valéry...»¹¹, quando fala dos *impasses* do surrealismo.

É a Supervielle que Casais deve o facto de conhecer Michaux; foi ele quem pôs os dois poetas em contacto aquando da viagem de Michaux a Portugal, «quando este ainda não publicara senão raras *plaquettes*»¹². Supervielle falou de Michaux, «autor de um certo Plume, escritor verdadeiramente original, um escritor autêntico» (1931). Sugere a Michaux que envie os seus livros a Casais e também a Chestov e a B. Fondane (terá sido a pedido de Casais?). Parece responder às curiosidades de Casais e dos portugueses da *Presença*. Supervielle fala de Tzara, de Braquier, de Daumal; diz que Régio é «um belo

poeta». Recomenda-lhe Richard Aldington, que parte para Portugal e quer encontrar-se com escritores locais; comenta as *Considerações Pessoais* publicadas em 1933¹³ e os seus discursos sobre a literatura francesa contemporânea: a razão, o claro e o escuro, a noção de poesia pura; evoca Laforgue a propósito da poesia do próprio Casais; lamenta não saber melhor o português para apreciar essa poesia (será também o caso de outro seu amigo próximo, Valery Larbaud); fala da *Correspondência de Família*¹⁴ com Ribeiro Couto — também seu amigo, e de Hourcade, Ballard e Larbaud — sobre quem Casais escreverá para a *Presença* (1935), como referimos, tal como fará sobre Manuel Bandeira.

Esta geração é uma das raras e a última a mostrar-se aberta à poesia brasileira do momento. Casais consagra-lhe um capítulo inteiro na sua preciosa antologia *A Poesia da Presença* (Lisboa, Moraes, 1972), onde publica Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes. (Manuel Bandeira e Cecília Meireles são homenageados por Supervielle no poema «Champs Élysées», em *Oublieuse Mémoire*¹⁵). Muitos destes poetas foram amigos de Supervielle, mas também de Valery Larbaud (existe uma correspondência admirável entre este e Ribeiro Couto), de Henri Michaux e de Georges Bernanos, como Murilo Mendes e Jorge de Lima. Casais Monteiro traduz a farsa em um acto de Supervielle — *A Primeira Família* — encenada por António Pedro em 1936. Supervielle preocupa-se com o destino de Casais e da sua mulher, faz circular um abaixo-assinado a seu favor, envia-lhe livros de Michaux, agradece-lhe o «soberbo artigo» que publicou sobre a sua obra na *Revista de Portugal* dirigida por Vitorino Nemésio¹⁶. Em Novembro de 1937, envia-lhe uma carta importante onde comenta a sua trajectória — o terror da morte no momento da partida, a angústia, um Deus não ortodoxo — e o felicita pela sua «crítica de criadores». Serve de intermediário entre Casais e Chestov, a quem falou dele «como convém. Ele responder-lhe-á, sem dúvida, directamente». Dá endereços de críticos a quem enviar os livros: Jacques Maritain, Ballard, Ernst Robert Curtius, Guillermo de Torre, Lionello Fiumi, Henry Alfred Holmes, Tristão de Ataíde. Em 1947, agradece-lhe a reedição do livro dedicado à sua obra, descoberta graças a Claude Roy, e lamenta que essa reedição não seja aumentada e que não incluía *La Fable du monde* nem os poemas do período de 1939-1945 (na nota a essa reedição, Casais justifica o facto de não ter sido aumentada, considerando «que depois dos *Amis inconnus*, a obra de Supervielle não evoluiu notavelmente»). Este ponto poderá ser contestado, mas vimos que Casais continua a analisar e a defender a obra de Supervielle, o qual continua a dialogar com Casais, defendendo Valéry (Setembro de 1951); considera «o ‘Cemitério Marinho’ como o seu mais belo poema: o que tem o mais elevado coeficiente humano», ao passo que o próprio Valéry preferia «La Jeune Parque». Atento às outras revistas — à *Seara Nova*, que publica em 1952 uma entrevista com ele («Coisa rara, você repro-

duziu fielmente as minhas palavras; é verdade que você é demasiado amável e consciencioso para se permitir as fantasias de algumas pessoas»), à *Revista de Portugal* e, antes de tudo, à *Presença*. «Que bela revista», escreve, em 1931, a Gaspar Simões. Em 1939, numa carta a Pierre Hourcade, lembrando a noite em que tinha declamado poemas seus na École Normale Supérieure, «uma data para recordar» no início dos anos 30, Supervielle diz tudo o que de bem pensa do estudo de Casais Monteiro, publicado em 1938 na *Presença*: *Descobertas no Mundo Interior. A Poesia de Jules Supervielle*, «estudo refinado e sensível, mas creio que perderia muito ao ser traduzido para francês».

As pistas confluentes de Hourcade e Supervielle explicam as descobertas de Casais. Em 1932, agradece a Hourcade por ser um «passador». Leu também nos *Cahiers du Sud* um excelente artigo de Fondane sobre Heidegger e os seus admiráveis poemas na revista *Commerce* (Hourcade será mais reservado sobre Fondane, que encontrará em Buenos Aires¹⁷). A presença de Pierre Hourcade na Universidade de São Paulo, de 1935 a 1938, vai reactivar a simpatia de Casais Monteiro pelo Brasil, ainda que esta literatura seja interdita no Portugal salazarista por ser considerada subversiva. Casais escreve para *O Diabo*. Entusiasma-se com *Jubiabá*, de Jorge Amado (que Hourcade traduzirá sob o título exótico de *Bahia de tous les saints*), com José Lins do Rego e com Jorge de Lima, com «a estupenda *Macunaíma*», «completamente desconhecida em Portugal», suplicando a Hourcade que peça a Mário de Andrade para lhe enviar os seus livros. Quer ler *Les Hommes de bonne volonté*, de Jules Romains, atento aos comentários de Hourcade sobre a obra. Este ajuda-o, associando-o às revistas da resistência (*Afinidades, Globo*)¹⁸.

O leitor encontrará na revista *Marseille*, n.º 135 (1.º trimestre de 1984), uma Homenagem a Pierre Hourcade, com testemunhos de Armand Guibert, um artigo do signatário destas linhas sobre os *Cahiers du Sud* e Portugal, a «Carta Portuguesa» publicada no n.º 137 (Jan.-Fev. 1932), e a «Brève introduction à Fernando Pessoa»¹⁹, no n.º 147 (Jan.-Fev. 1933), primeira verdadeira apresentação da poesia de Pessoa seguida de uma pequena antologia. Recordemos que o primeiro texto sobre Pessoa em França — se não contarmos com as breves referências de Philéas Lebesgue no *Mercure de France*, editadas sob o título *Portugal no Mercure de France* por Jean-Michel Massa²⁰ — está publicado na revista *Contacts*: Pierre Hourcade, «Rencontre avec Fernando Pessoa» (Jun. 1930). O «descobridor» francês de Pessoa e o destinatário da sua célebre «Carta sobre a génese dos heterónimos» teriam necessariamente de encontrar-se e colaborar, não apenas nas revistas, mas também co-traduzindo a «Tabacaria» de Fernando Pessoa, como veremos mais adiante. Casais encontra-se presente nos estudos pioneiros que Pierre Hourcade publica nos *Cahiers du Sud*, no *Le Journal des poètes* (número especial sobre Portugal, 1952, organizado por Casais Monteiro) e no *Bulletin des études portugaises*²¹.

Hourcade considera-se «irmão gémeo» de Casais, partilhando a mesma repulsa: «Como se pode respirar na vossa pátria salazaresca?»; recusando ir ver o filme de Cottinelli Telmo *A Canção de Lisboa*, «por princípio, por causa da propaganda». Pedem artigos para o *Bulletin des études portugaises* sobre Alain e Valéry Larbaud; admira Régio «por vezes demasiado didático e oratório», elogia o filme de Manoel de Oliveira, *Douro, Faina Fluvial*: «é notável em termos de inteligência, sensibilidade, encadeamento de imagens, perspectiva, sentido sugestivo. O único filme português digno deste nome». Traduz «O Mundo Desabitado», de Casais Monteiro²², «uma das coisas mais densas e típicas vossas»; anuncia a visita seguinte de Jean Cassou, «muito embalado pelos vossos poemas»; não está feliz com a sua estada em São Paulo, tem saudades de Portugal, «da rua dos Caetanos», da confraria coimbreense, saúda os tripeiros, José Marinho, Delfim Santos, Joaquim Magalhães, o «delicioso sotaque tripeiro», louva *Sempre e sem Fim*²³, «densidade, dinamismo, autenticidade, ironia brutal, confidências dolorosas; poesia da angústia espiritual, em pleno coração do mundo». Tenta associar Casais Monteiro a um empreendimento «oficial», liderado por António Ferro, o porta-voz de Salazar. As edições Kra publicaram panoramas das literaturas contemporâneas, alguns dos quais farão história, como o que trata da literatura francesa, o de Lalou sobre a inglesa, de Cassou sobre a espanhola, de B. Crémieux sobre a italiana. Foram avançados muitos nomes para a literatura portuguesa, alguns deles por Valéry Larbaud: José Osório de Oliveira, Ribeiro Couto (relativamente a um volume específico sobre o Brasil), Gaspar Simões, José Régio, o próprio Hourcade, Vitorino Nemésio, pronto a aceitar mas recusando colaborar com João Ameal, polígrafo da direita integrista imposto pelo regime. Ferro insiste com Hourcade para o escrever com Ameal. O livro seria publicado finalmente em 1949 (*Literatura Portuguesa* por Dr. João Ameal, pref. de Robert Kemp, ed. Sagittaire), espécie de *Who's Who* onde os valores literários desaparecem por detrás da nomenclatura. Casais Monteiro é citado como ensaísta, ao lado de outros nomes.

Seria necessário analisar mais atentamente as revistas da época (*Vértice*, *Revista de Portugal*, *O Diabo*, *O Globo*, *Mundo Literário*) para encontrar os inúmeros artigos de Casais Monteiro, de Pierre Hourcade, dos escritores da *Presença* sobre os escritores franceses ou estrangeiros ainda pouco conhecidos, ou sobre Supervielle, ou, por exemplo, Henri Michaux, que Supervielle recomenda a Casais e a Hourcade.

Eis o relato que Pierre Hourcade faz a Jean Ballard sobre o seu encontro com Michaux, em Janeiro de 1935, em Portugal:

Encontrei-me e convivi, em Lisboa, nas últimas semanas da minha estada, com Henri Michaux; em termos humanos, é a combinação mais bizarra que conheço de infantilidade e de intuição aguda, de abandono e de neurose latente;

sob a sua aparência sente-se incubar uma potência surpreendente de destruição. É assustador, desconcertante, um pouco cabotino sob a sua sinceridade absoluta (e, sem dúvida, por causa dela) e muito cativante. Mas considero um milagre que pertença ainda a este mundo; a verdade é que vive pouco nele.

Este texto evoca a «aparição» de Fernando Pessoa, tal como a viu, com os seus próprios olhos, o jovem Hourcade em 1930²⁴. Michaux declararia, por outro lado, a Mário Cesariny, a propósito de Pessoa: «Tanto alarido por um poeta tão raciocinador» (o corpo é um problema em Pessoa; pesa em Michaux, mas existirá em Pessoa?)

Pierre Hourcade apresenta, em Maio de 1936, em Buenos Aires, uma conferência sobre «a jovem poesia francesa»: Patrice de La Tour du Pin, Jean Follain, Triolet, Thérèse Aubray, Jean Cayrol, Léon-Gabriel Gros, Michaux, «os que muito agitaram». Prepara um texto para a revista *Sur*, de Victoria Ocampo, sobre «Henri Michaux ou o Viajante Perseguido», por ocasião do Congresso do Pen Club para o qual Michaux é convidado²⁵. Quando chega a Portugal, a 25 de Outubro de 1934, «no mesmo mês, quase no mesmo dia, em que é impressa a *Mensagem*», afirma Robert Bréchon, Michaux mostra-se entusiasmado: «Cheguei, finalmente, ao país e à raça que me agradam» (a Supervielle); «o único país, juntamente com o Brasil, que se compara ao Extremo Oriente. A Paz. E as mulheres portuguesas, que posso dizer mais: damo-nos bem» (a Jean Paulhan), «Preços baratos, cidade esplêndida como Macau, Rio, Manaus. Os portugueses, mestiços, género fascinante». Na verdade, Henri Michaux é um ciclotímico, passando do entusiasmo à aversão; o seu humor muda com o clima; depois do Estoril, vai para o Porto, «horrível, está sempre a chover. Perdi todas as minhas ilusões ao chegar ao Norte». Mas vai, sobretudo, escrever muito e manifestar uma nova inventividade. A Supervielle, diz escrever «uma data de frivolidades que nunca esperaria que saíssem da minha cabeça. E sinto prazer em escrever... Torna-se em contos de fadas sem fadas». Este novo estilo será o assunto de *Voyage en grande Garabagne* (1936), «composto a partir de notas de viagens e de invenções, principalmente em Portugal».

Michaux inicia imediatamente relações com Casais. «Supervielle acaba de me enviar a sua morada, que tinha perdido» (10 Nov. 1934), escreve-lhe, do Estoril; chegado por uma quinzena de dias, tem vontade de ficar uns meses, simpatizando com os portugueses. «O ambiente é bom... Para além da China, ainda não tinha encontrado nenhum país de que gostasse tanto.» Será o lado extremo-oriental, muitas vezes destacado pelos viajantes (Larbaud, por exemplo), que o retém?²⁶

A relação entre os dois poetas — graças à mediação de Supervielle — levará Casais a publicar na *Presença* (n.º 47, Dez. 1935) dois textos de Michaux, precedidos de uma nota onde Casais contesta a filiação do poeta francês no

surrealismo, «as suas palavras de ordem, o seu método». Neste aspecto, Michaux não deixará de manter uma certa distância em relação ao movimento de Breton. Michaux, afirma Casais, manifesta sempre uma mesma preocupação, a procura de uma realidade verdadeira por detrás das aparências, uma ofensiva implacável contra todas as formas erróneas da vida e do homem. Nos seus livros de viagens, interessa-se apenas pelo homem autêntico, recusando a cor local e o pitoresco, a não ser naquilo que significam, numa forma estranha ao formalismo discursivo. É um «visionário», dos anunciados por Rimbaud. Não é sério; como todos os trágicos, tem um admirável dom cómico, de um cómico truculento, demonstração pelo absurdo da face trágica das coisas, mas o riso de Michaux traduz uma terrível descoberta do homem subterrâneo. A sua imaginação, a sua veia cómica, manifestam-se através da lógica implacável dos pesadelos. Seguem-se os dois textos, um intitulado simplesmente «Poésie» e um ante-texto que será retomado em *Lointain intérieur* em 1938²⁷. «Le colonel embarrassé»²⁸ resulta dos «pequenos contos» que são o que a estada em Portugal trouxe de novo à escrita de Michaux. As relações epistolares com Casais prosseguem, Michaux queixa-se de que Casais nunca responde às suas cartas e exprime o desejo de regressar a Portugal; encontrou Eugenio d'Ors, também entusiasta de Portugal, «o outro pólo da Europa», afirma. Escreve a Casais em Outubro de 1939, do Brasil, onde encontrou Jorge de Lima e Murilo Mendes, «que o conhecem». Espera voltar a vê-lo em Lisboa quando regressar; oferece-lhe «desenhos a traço, para si e para a *Presença*»; agradece-lhe as palavras «que me chegam ao coração» sobre *Peintures* (recolha publicada em 1939; o poema «Paysages» evoca as de «Saudades» — reminiscência de Portugal?). Associa o seu destino ao de Casais, à sua «situação», «esta guerra não vai levar a lado nenhum... Também para mim é terrível». Em Setembro de 1940 expressa novamente o desejo de regressar a Portugal. Já em Janeiro de 1936, menos de um ano após o seu regresso e o seu mau humor (a chuva no Porto), tinha-lhe escrito: «Quero voltar a vê-lo. Não há nenhuma investigação a fazer em Portugal (crise, mulheres, colónias, não sei) para onde um jornal daqui me possa enviar?» Esta compulsão das partidas lembra, muitas vezes, a de Soupault, que lamenta, nas suas memórias, não ter estado mais próximo dele, como gostaria. Michaux agradece e felicita Casais pelo seu *Supervielle*, onde encontra afinidades interessantes com ele. Espera que Casais «saia, por fim, dos (seus) aborrecimentos» e propõe intervir para facilitar, junto da Gallimard, a tradução de *Um Bárbaro na Ásia*.

O papel de «passador» de Adolfo Casais Monteiro a favor da literatura francesa prossegue na *Revista de Portugal*, dirigida por Vitorino Nemésio. É lá que, como vimos, publica a continuação do seu estudo sobre Supervielle e que anuncia publicações francesas: *Os Cavaleiros da Távola Redonda*, de Jean Cocteau — considerado, a um dado momento, tanto em Portugal como no

Brasil, o paradigma da modernidade, juntamente com *O Galo e o Arlequim*, mas que ele julga demasiado marcado de «virtuosismo», continuando a preferir Supervielle. No n.º 3, de Abril de 1938, é publicado o poema «Dieu surpris», «Dans une goutte de la mer», e no n.º 4 o próprio Nemésio apresenta a sua *Arca de Noé*. O n.º 5, de Outubro de 1938, apresenta o livro *Descobertas no Mundo Interior. A Poesia de Supervielle*, que levará Casais, sempre muito polémico, a debater-se com o autor da recensão, Manuel Anselmo. Casais Monteiro é um crítico «subjectivo», intervém na análise das obras, julga, discorda, reage. É esta «dedicação», muitas vezes polémica, mas estética, que o torna original. Reencontramos Supervielle graças a Casais na revista *Afinidades*, publicada pela resistência francesa em Lisboa, em 1944: o poema «Prière à l'inconnu», com a tradução portuguesa ao lado²⁹.

Um último capítulo destas relações francesas diz respeito à tradução e à divulgação de Fernando Pessoa em França. Sabemos que lugar ocupa Casais, destinatário da célebre carta em que Pessoa explica a génese e o sentido dos heterónimos. Publicará vários trabalhos decisivos sobre o poeta e, em francês, graças a Hourcade, uma «Introduction à la poésie de Fernando Pessoa» no *Bulletin des études portugaises* em 1938 e, no ano seguinte, «Le Moderne et l'Éternel dans la poésie portugaise contemporaine». Ambos tentam conservar a tradução francesa de *Tabacaria*. Hourcade recusa-se, por modéstia, a co-assinar a tradução, trabalho «asfixiante» e que deve essencialmente a Casais, que teve o mérito da parte mais ingrata, a «destrinça». Sabemos que este célebre poema será traduzido várias vezes. A tradução de Casais Monteiro e Pierre Hourcade, seguida do texto português, com prefácio do primeiro, é publicada em Lisboa em 1952. Armand Guibert publica, em 1955, nas edições Caractères, *Bureau de tabac et autres poèmes*. A tradução de Armand Guibert tinha, na verdade, sido publicada na revista *Exils* em 1952: «Fernando Pessoa ou l'homme quadruple», seguida da tradução integral de *Tabacaria* e de dois outros poemas.

Pierre Hourcade, numa carta que me enviou em 1979, escreveu: «Foi unicamente a delicadeza de Casais que me fez acrescentar o meu nome à página do título, pois, tanto quanto me lembro, limitei-me a retocar — pois era necessário — uma tradução pela qual ele era, essencialmente, responsável. Existem pontos onde prefiro, claramente, a versão de Guibert, excelente; noutras a nossa, que considero a melhor. A nossa intenção era aproximarmos, tanto quanto possível, do original, 'transpondo' o menos possível.» Esta intenção, bastante moderna, será retomada pelo seu filho Rémy Hourcade, na sua tradução do mesmo *Bureau de tabac* (Éditions Unes, 1985)³⁰.

É então a Casais, «o discípulo mais inteligente de Pessoa» (Robert Bréchon), a Hourcade, «o descobridor» de Pessoa em França, e a Guibert e ao seu «apostolado» (Hourcade) de tradutor que devemos esta presença de Pessoa em França. Mas, também aí, o papel seminal pertence, de novo, a

Casais; é ele quem dá a conhecer Pessoa a Guibert. Observemos o precioso testemunho que nos dá em «Meio Século de Paixão», no número especial 710-711 (Jun.-Jul. 1988) da revista *Europe*, que coordenei: «É um poeta para si, um destes dias dar-lho-ei melhor a conhecer»; leva-o a uma sessão de leitura onde Manuela Porto declama a «Ode Marítima» e lhe empresta o seu exemplar de *Orpheu* donde Guibert a traduz durante a noite. Estamos, então, em 1941. Se Hourcade foi, para Guibert, o seu «iniciador», Casais foi o seu «revelador e passador», graças a quem Guibert internacionalizará a obra de Pessoa. Este «insincero verídico» (Casais) levará tempo a encontrar o seu lugar em França. A correspondência Guibert-Hourcade-Casais permite retratar as suas desventuras³¹. A «sideração» que tinha atacado Guibert, levado, por Adolfo Casais Monteiro, à palestra em que Manuela Porto declamou a «Ode Marítima» de Pessoa, deveria constituir uma das etapas decisivas, a par de Hourcade, na tradução, divulgação e internacionalização de Pessoa em França e no mundo. Ambos traduziram, a uma certa distância, a *Tabacaria*; vimos, acima, a opinião de Hourcade sobre as traduções comparadas, tendo, ele próprio, colaborado com Adolfo Casais Monteiro, os dois mais centrados na língua de partida e Guibert mais sensível à de chegada.

Poderíamos tentar estabelecer uma forma de convergência ou de afinidade entre Casais e os seus escritores franceses preferidos, no plano pessoal e estético. Adolfo Casais Monteiro, como Pessoa e como, à sua maneira, Supervielle e Michaux, que foram tão próximos, são, de uma certa forma, «estrangeiros definitivos» (título de um livro de Casais sobre si próprio), «forasteiros» (*hors venus*), expressão de Supervielle sobre si mesmo, e que se aplica também a Michaux, a Pessoa e a Guibert; «trânsfugas» (Pessoa), «expatriados», como se define Michaux, com Cioran. Nascidos noutra lugar (Pessoa, Supervielle, Michaux), habitantes de outro lugar, exilados, transplantados e «permeáveis ao universo». Exilado no Brasil, Adolfo Casais Monteiro torna-se brasileiro mantendo-se português, imediatamente adoptado e adorado pelos estudantes brasileiros, quando o seu amigo Jorge de Sena transportava dolorosamente a sua pátria portuguesa, também ele cosmopolita e ao corrente das literaturas estrangeiras. Talvez pudéssemos tentar um paralelismo com a prática poética destes amigos. Falámos do «gauche» da poesia de Adolfo Casais Monteiro e poderíamos dizer o mesmo da poesia de Supervielle e de Michaux («gauche» é um termo célebre de Carlos Drummond de Andrade, tradutor de «Figures» de Supervielle nos *Amis inconnus* na *Revista Académica* do Rio, em 1942, e comentar apaixonado do autor de *Boire à la source* sobre uma viagem a Ouro Preto)³².

Enfim, poderíamos também situá-los juntos no dispositivo literário do tempo. Estão igualmente «à margem» das «escolas» ou dos grupos ou movimentos dominantes, estranhos ao neoclassicismo modernizador (Paul Valéry) e às vanguardas militantes e terroristas. «Modernos sem ser de vanguarda»,

afirma Casais Monteiro. E isso aplica-se igualmente a Supervielle e a Michaux, este último preocupado em não ser «classificado» entre os surrealistas (ou entre os escritores «belgas» ou «francófonos»). Contra o formalismo, mas também contra a escrita automática; a arte contra a ordem ou palavra de ordem (política ou estética); por uma «poesia impura» e pela necessidade de comunicar, contra todo o dogmatismo, contra toda a «receita» literária; uma solidariedade com o mundo, uma voz tecida de silêncio e de inquietude, mas com o tom surdo da sua poesia, a ausência de ênfase, um diálogo sem conclusão possível.

Para Adolfo Casais Monteiro, a França é «o nosso leite materno, para o melhor e para o pior»; é «a pátria ideal das Artes e das Letras» (escreve-o num estudo sobre o romance inglês, incluído em *O Romance e os Seus Problemas*) e louva-a como a «suprema expressão da cultura do Ocidente».

«A arte deve ser o seu próprio fim» — é assim que Adolfo Casais Monteiro é fiel à estética da *Presença*, ela mesma tão próxima da *Nouvelle Revue Française* —, o que não impede o combate cívico. Democrata e europeu, o seu poema *Europa* foi lido por António Pedro na BBC durante a guerra — é o poema que se ouve no final do admirável filme *Porto da Minha Infância* de Manoel de Oliveira — enquanto reinava a ditadura salazarista, que o levou à prisão e o forçou ao exílio.

[Tradução de Renata Azevedo]

NOTAS

Este artigo é a tradução adaptada do texto publicado na revista electrónica Navegações (PUCRS, Porto Alegre), vol. 3, n.º 1, Jan.-Jun. 2010, com o título «Les amitiés françaises d'Adolfo Casais Monteiro» (<http://revistaselctronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/7190/0>).

¹ Sobre este assunto, remeto para a minha tese *Encontro entre Literaturas. França-Portugal-Brasil*, São Paulo, Hucitec, 1995.

² «Sem o amar inteiramente, [Supervielle] apreciou-o muito.»

³ Cf. Pierre Hourcade, «Dernière tentation de Valéry Larbaud: le Brésil», *Cahiers des Amis de Valéry Larbaud*, dir. Pierre Rivas, 2005.

⁴ Adolfo Casais Monteiro, *Le Moderne et l'Éternel dans la poésie portugaise contemporaine*, Lisboa, Institut Français au Portugal, 1939.

⁵ Texto com variantes in Jules Supervielle, *Œuvres poétiques complètes*, coord. Michel Collot, colab. Françoise Brunot-Maussang, Dominique Combe, Christabel Grare *et al.*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1996, p. 384.

⁶ 2.ª ed.: *A Poesia de Jules Supervielle. Estudo e Antologia*, Lisboa, Confluência, 1946.

⁷ Cf. Jules Supervielle, *La Fable du Monde*, in *Œuvres poétiques complètes*, ed. cit., p. 363.

⁸ Cf. Adolfo Casais Monteiro, *Europa*, ilustr. António Dacosta, Lisboa, Confluência, 1946; reprod. por ocasião da Europália 91-Portugal, texto em português, francês, neerlandês e inglês,

- textos de José Augusto Seabra e José-Augusto França, trad. Maria do Céu Carvalho Druais, Edwige Andre-Vereecken e Richard Zenith, Porto, Nova Renascença, 1991.
- ⁹ Reportamo-nos às notas preciosas da citada edição da Pléiade.
- ¹⁰ In Adolfo Casais Monteiro, *A Palavra Essencial. Estudos sobre a Poesia*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965, p. 177.
- ¹¹ Idem, *ibid.*, p. 175.
- ¹² *Ibid.*, p. 176.
- ¹³ Adolfo Casais Monteiro, *Considerações Pessoaís*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933. Cf. recensão de Jules Supervielle na *Revista de Portugal*, vol. 2, 1938.
- ¹⁴ Adolfo Casais Monteiro e Ribeiro Couto, *Correspondência de Família*, pref. José Osório de Oliveira, Lisboa, 1933.
- ¹⁵ Cf. Jules Supervielle, *Oublieuse Mémoire*, in *Œuvres poétiques complètes*, ed. cit., p. 520.
- ¹⁶ Adolfo Casais Monteiro, «A Poesia de Jules Supervielle», *Revista de Portugal*, Coimbra, vol. 1, 1937, p. 59-82, e vol. 2, 1938, p. 224-35.
- ¹⁷ Sobre Fondane, cf. *Europe*, n.º 827, Mar. 1998, que se faz acompanhar de um dossiê sobre a poesia brasileira por Pierre Rivas e M. Riaudel.
- ¹⁸ Sobre este período dos anos de ocupação em França e de resistência em Portugal, cf. *Lisbonne — atelier du lusitanisme français*, org. Jacqueline Penjon e Pierre Rivas, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2005, em particular o meu artigo «Lusophiles français à Lisbonne en des temps incertains», p. 33-4, sobre Hourcade, Casais, Lionel de Roulet, Guibert, etc.
- ¹⁹ Pierre Hourcade, «Littérature Portugaise. Brève introduction à Fernando Pessoa», *Cahiers du Sud*, Marselha, n.º 147, Jan.-Fev. 1933; reprod. em trad. port. de Álvaro Salema in *Temas de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Moraes, 1978, p. 129-33.
- ²⁰ J.-M. Massa, *Portugal no Mercure de France*, trad. Liberto Cruz, Lisboa, Roma Editora, 2007.
- ²¹ Cf. Paul Teyssier, «In memoriam Pierre Hourcade 1908-1983», *Bulletin des études portugaises*, t. 44/45, 1983-85, Institut Français de Lisbonne, p. 429-36.
- ²² Poema incluído em *Poemas do Tempo Incerto*, Coimbra, Presença, 1934.
- ²³ Adolfo Casais Monteiro, *Sempre e sem Fim*, Porto, Presença, 1936.
- ²⁴ Pierre Hourcade, «Rencontre avec Fernando Pessoa», *Contacts*, n.º 3, Jun. 1930.
- ²⁵ A biografia de Jean-Pierre Martin, *Henri Michaux* (Paris, Gallimard, 2003), é, até hoje, depois dos livros pioneiros de Robert Bréchon, e a par da edição das *Obras Completas* na Pléiade, a referência mais precisa.
- ²⁶ Cf. Valéry Larbaud, «Lettre de Lisbonne», *Jaune Bleu Blanc*, Paris, NRF, 1927.
- ²⁷ Henri Michaux, *Lointain intérieur*, Paris, Pléiade, 1938, t. I, p. 598; e *Plume précédé de Lointain intérieur*, Paris, Poésie poche, 1985, p. 87.
- ²⁸ Não consegui identificar este texto nas *Œuvres complètes*, Pléiade, 1998.
- ²⁹ V. o meu artigo «Casais Monteiro et Carlos Drummond de Andrade traducteurs de Supervielle», *Nova Renascença*, Porto, n.º 60/63, 1996, p. 461-74.
- ³⁰ Sobre Guibert e a arte da tradução, remeto para a nossa entrevista publicada em *Fernando Pessoa, visage avec masques* (Lausanne, A. Eibel, 1978; reedição Mereal, 1997) onde se encontra um copioso dossiê sobre Guibert tradutor e Fernando Pessoa em França.
- ³¹ Cf. *Lisbonne — atelier du lusitanisme français*, ed. cit., em particular os artigos de Pierre Rivas, Judith Balso, Anne-Marie Quint e Robert Bréchon.
- ³² Sobre este assunto, cf. a minha recensão da excelente obra de John Gledson sobre Drummond, «Influences et impasses: Drummond de Andrade et quelques contemporains», *Revista ANPOLL*, n.º 16, Jan. 2004.